

ALGUMAS NOTAS SOBRE MARTIN HEIDEGGER E O CONCEITO DE MORTE
NOS PARÁGRAFOS 52 E 53 DE *SER E TEMPO*

Edinei Marcos Grison
Mestre PPGE-UFFS
E.E.B. Gomes Carneiro

RESUMO: Este ensaio constitui uma breve apresentação de Martin Heidegger, a partir de curtas notas que representam uma incursão sobre sua vida e formação acadêmico-filosófica. Um panorama dos principais eixos da obra *Ser e Tempo* foi destacado dos estudos de Paul Gerner (2017), com o objetivo de propor algumas chaves de leitura do pensamento heideggeriano. Por conseguinte, apresenta-se o conceito de morte, a partir dos parágrafos 52 e 53 de *Ser e Tempo*. Este ensaio leva em conta as leituras desenvolvidas no curso de extensão: Os filósofos e o Medo da Morte, organizado pelo Dr. Francisco de Moraes, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Heidegger; *Ser e Tempo*; morte.

ABSTRACT: This essay is a brief presentation of Martin Heidegger, based on short notes that represent an incursion into his life and academic-philosophical formation. An overview of the main axes of the work *Being and Time* was highlighted in the studies by Paul Gerner (2017), with the aim of proposing some keys for reading heideggerian thinking. Therefore, the concept of death is presented, starting with paragraphs 52 and 53 of *Being and Time*. This essay takes into account the readings developed in the extension course: Philosophers and Fear of Death, organized by Dr. Francisco de Moraes, from the Federal Rural University of Rio de Janeiro.

Keywords: Heidegger; *Being and Time*; death.

1. Introdução

A temática da morte tem intrigado o ser humano desde os primórdios da humanidade. Homens de todas as classes econômicas e políticas são interpelados pela busca de sentidos e explicações para o tema. No entanto, o medo e a angústia de ter que experimentar inevitavelmente a morte, assusta como sendo o pior dos males possíveis. Os juízos que se tem da morte parecem reduzir a excelência do bem viver. Outrossim, a necessidade de suspender os juízos que se tem sobre a morte representa um morrer sobre os preconceitos, atividade honrosa que a filosofia proporciona aos homens diligentes com a existência.

Então, a atitude filosófica diante do tema da morte representa um aprender a morrer a exemplo de Sócrates, cujo sentido de morte passa a ser positivo. A morte não é temida, pois a filosofia apresenta um caminho para uma vida bem aventurada e feliz. Dedicar-se à filosofia passa a ser uma postura diligente com a existência, ou seja, uma postura virtuosa, sob a preocupação de como se vive, na qualidade de como se age. Somente aspirar à morte não qualifica a vida. A morte não é uma justificativa para não viver bem e agir de forma virtuosa. A principal marca da coragem, enquanto virtude e é a exposição à morte, sem esquecer que ela é uma possibilidade sempre existente, mas que não anula uma vida ética e feliz.

Com base nisso, o curso de extensão: “Os filósofos e o medo da morte”, coordenado pelo professor Dr. Francisco de Moraes, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), sugeriu inúmeras reflexões sobre o tema, a partir de textos clássicos da Grécia Antiga até a filosofia contemporânea de Martin Heidegger. Inúmeras foram as provocações desenvolvidas através da leitura dos textos, das exposições e reflexões partilhadas em cada encontro.

O presente ensaio reúne algumas reflexões desenvolvidas sobre o tema da morte, levando em conta as contribuições de Martin Heidegger (1889 – 1976) na obra *Ser e Tempo*. Optou-se pela divisão deste ensaio em forma de curtas seções, cuja primeira trata de uma breve contextualização biográfica de Martin Heidegger, sua vida e formação acadêmica. Na segunda seção, são apresentadas algumas anotações sobre a obra *Ser e Tempo*, a partir de tópicos destacados dos estudos de Paul Gerner (2017), atentando para algumas chaves de leitura do pensamento heideggeriano. Por fim, na

terceira seção, seguem algumas anotações sobre o conceito de morte, a partir dos parágrafos 52 e 53 de *Ser e Tempo*.

2. Notas bibliográficas sobre Martin Heidegger

Martin Heidegger nasceu em *Messkirch* no sudoeste da Alemanha em 1889. É filho de Friedrich Heidegger (1851 – 1924), um construtor de barris e sacristão da igreja paroquial. Pouco se sabe sobre sua mãe, Johanna Heidegger (1858 – 1927). Foi seminarista jesuíta e neste período de formação obteve contato com a obra de Franz Brentano (1838 – 1917) que irá influenciar, decisivamente, a filosofia heideggeriana. Em 1909, inicia seus estudos de teologia, seguidos de filosofia, matemática, ciências naturais e história na Universidade de Friburgo. Com o deflagrar da I Guerra Mundial em 1914 foi reformado por motivos de saúde, se submete a uma prova de habilitação e é nomeado *privat-dozent*. Em 1923, torna-se professor não titular da Universidade de Marburgo até 1928. Heidegger destaca-se como um notável filósofo. É na cidade de Marburgo que escreve a sua obra magna: *Ser e Tempo* que dedica ao grande fenomenólogo alemão, Edmund Husserl (1859 – 1938).

No ano de 1933 é promovido ao cargo de reitor da Universidade de Friburgo, até 1934. Aproxima-se do nacional socialismo defendido por Adolf Hitler; filia-se ao partido nazista e demite-se do cargo de reitor da universidade em 1934. Permanece filiado ao partido nazista até 1945, ano que é proibido de lecionar. Segue com publicações e estudos em pequenos grupos/sectos. Volta às preleções na Universidade de Friburgo somente em 1951 e mantém suas atividades como docente até 1958. Nunca se afastou muito da Alemanha. Realizou algumas viagens à França, onde conheceu em 1955, Jacques Lacan (1901-1981). Morre em 1976 em *Messkirch*.

Desde muito cedo, Heidegger tem contato com a escolástica aristotélica, influenciando-o nos estudos sobre o *Sein* (Ser). Por outro lado, abraça uma forte influência neokantiana de Heinrich John Rickert (1863 – 1936) e de Emil Lask (1875 – 1915), e, da fenomenologia de Edmund Husserl (1859 – 1938), culminando com o contato com a hermenêutica da experiência vivida de Wilhelm Dilthey (1833 – 1911).

Aos poucos uma epistemologia hermenêutica se desdobra, numa ontologia fundamental da singularidade do homem, de sua existência, ou seja, o ser-aí¹, ou *Dasein*². Deste modo, o filósofo alemão insiste na questão do ser, delimitando seu campo e seus limites. Por conseguinte, a questão do ser, parece posta por Heidegger, a partir da humanidade concreta, propondo ao homem, um profundo exame do sentido de seu ser-no-mundo.

Em *Ser e Tempo*, a “obra maior de Heidegger, consiste em analisar minuciosamente a relação de questionamento que liga o homem a seu ser e, por conseguinte, ao próprio Ser, a relação *Sein-Dasein*” conforme sugere Jean-François Pradeau (2011, p. 448). A próxima seção deste ensaio apresenta, a partir dos estudos de Paul Gerner (2017), algumas anotações gerais sobre a obra *Ser e Tempo* de Martin Heidegger.

3. Algumas anotações sobre a obra *Ser e Tempo*

O núcleo de *Ser e Tempo* está no sentido do ser que “é”. A discussão sobre o sentido do ser não aborda o ser como um ente entre tantos, nem como um ente supremo. O ser não é nada de ente. Deste modo, Heidegger centraliza a reflexão de *Ser e Tempo* no “ser deste ente que eu mesmo sou” de acordo com Paul Gerner (2017, p.13). Abre-se um quadro filosófico, voltado a uma ontologia do *Dasein*, ou, ontologia fundamental, definida por Heidegger. O *Dasein* reflete a capacidade humana de se abrir ao Ser, ou a realidade ‘aí’ do Ser. Heidegger analisa o *Dasein* como sendo um ente ontológico.

Na primeira parte de *Ser e Tempo*, Heidegger desdobra uma interpretação do *Dasein* pela temporalidade, explicitando o tempo como horizonte transcendental do Ser. Já na segunda parte, o filósofo alemão tinha como intenção, dedicar-se a uma história da ontologia, sob o problema da temporalidade. No entanto, sua obra permanece incompleta, restringindo-se a primeira parte com duas seções.

¹ Marcia Sá Cavalcante Schuback traduz ‘*Dasein*’ por ‘*Presença*’ no volume: HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009. Já na edição bilíngue: HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012, mantém o termo como ‘*Dasein*’, sugerindo um possível significado: ‘ser-aí’. O ‘*Dasein*’ parece ser um ente em condições de formular a questão sobre o Ser. Ele é o espaço das possibilidades para o homem desenvolver todo o seu Ser. No entanto, o termo ‘*Dasein*’ parece ser intraduzível na forma que Heidegger utiliza. E inúmeras querelas existem quanto às diversas traduções possíveis.

² INWOOD, M.J. *Dicionário Heidegger*. Trad. Luiza Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, pp. 29-31.

No ímpeto de esclarecer o ser e as suas estruturas, Heidegger se distingue da fenomenologia de Husserl. A fenomenologia heideggeriana tem, como questão central, o ser. Já a fenomenologia husserliana tem, como questão central, a consciência. Em Heidegger, o ser do ente chamado *Dasein* é existência.

De acordo com Gorner (2017, p. 14), o “*Dasein* é de tal modo que ele compreende o Ser – seu próprio ser, mas também o ser das coisas diferentes dele mesmo, das coisas em relação às quais, como Heidegger o formulará, ele se comporta”. O *Dasein* difere no mundo de uma simples coisa que existe. Heidegger o compreende como Ser-no-mundo, envolvido com as coisas. Por mundo, se entende o espaço dos entes serem e se mostrarem, ou seja, um espaço compartilhado de Ser-com-os-outros.

Ainda sobre o *Dasein*, a reflexão de Heidegger indica dois significados do Ser descerrado do *Dasein*, a saber: 1. Jogado = pura facticidade; 2. Possibilidade de ser = projeto. Então, ser um *Dasein*, significa projetar a si mesmo como possibilidades da existência. Para Gorner (2017, p. 16), “*Dasein* é jogado no mundo (já é sempre no mundo) e sempre ‘à frente de si mesmo’”.

A fenomenologia heideggeriana do *Dasein* desvela as estruturas do ser-aí na cotidianidade autêntica e inautêntica. Por cotidianidade autêntica, Heidegger entende a apropriação das possibilidades de existência, ou seja, ‘ser eu mesmo’. Muito embora, a cotidianidade inautêntica representa as possibilidades da existência, definidas de forma impessoal, ‘sem ser eu mesmo’. O impessoal aliena a existência, perdendo o Ser em meio aos entes no mundo. Pode-se se chamar de um processo de coisificação da existência. Daí advém o medo, definido como uma espécie de angústia entregue à decadência do/no mundo. Já a angústia pertence ao Ser-no-mundo como tal. A angústia não se dá por nenhum ente, ou pela perda de algum ente, mas pela existência fadada ao ser-no-mundo, de fato. Na relação com a angústia aparece/revela a experiência com o nada, ou seja, a completa perda de si em meio à decadência do ser. A experiência angustiante do nada sinaliza a completa ausência de relevância de qualquer ente.

Da experiência angustiante de uma existência inautêntica, perdida entre os entes, e, fadada de maneira impessoal ao nada, Heidegger sinaliza que a existência autêntica exige um comportamento consciente em relação à morte. Deste modo, a morte, para Heidegger, significa a finitude da existência. Ninguém pode ser substituído na morte e ela não é substituível. A morte é uma possibilidade extrema que guarda nenhuma

chance a mais. Não pode ser superada ou aniquilada. A única certeza da morte é sua indeterminação, considerando a vida humana em sua finitude.

A morte é uma possibilidade privilegiada do *Dasein* que depende da relação com a consciência, ou seja, para Heidegger, ela é o “clamor pela autenticidade”, como aponta Gorner (2017, p. 19). É a consciência, o tribunal da culpa, daquilo realizado, ou do não realizado. Enquanto projeto, o *Dasein* foi trazido à existência. Ele projeta a si mesmo, nas possibilidades abertas e escolhe. Para Heidegger, a existência autêntica é aquela interpelada pela decisão, numa imensa sequência de agoras.

A próxima seção, apresenta o conceito de morte nos parágrafos 52 e 53 de *Ser e Tempo* de Martin Heidegger.

4. O conceito de morte nos parágrafos 52 e 53 de *Ser e Tempo*

Esta seção apresenta algumas anotações sobre o conceito de morte, a partir dos parágrafos 52 e 53 de *Ser e Tempo*. Para tanto, foi utilizada a edição bilíngue de *Ser e Tempo*, traduzida por Fausto Castilho e publicada pela Editora Vozes em parceria com a Editora da Unicamp em 2012³.

Martin Heidegger, na segunda parte de *Ser e Tempo*, a partir do parágrafo 45, desenvolve uma abordagem do sentido do Ser do *Dasein*. Fica evidente a preocupação de Heidegger de considerar como ponto inicial o *Dasein* como ele próprio, existente. Na segunda seção, o filósofo alemão também indica que será possível chegar a uma definição ou conceito existencial de morte. Deste modo, o *Dasein* é entendido como um Ser-para-a-morte.

Dois importantes conceitos são tratados na primeira seção, a saber, a noção de cura, definida por Heidegger como a totalidade do conjunto estrutural do *Dasein*, ou seja, a dinâmica de sempre o ser-aí antecipar-se a si mesmo, e estar à frente de si mesmo. E o segundo conceito, o de angústia, definido pelo filósofo como sendo, um sentimento revelador do nada, este, caminho possível para uma existência autêntica. Por

³ Foi realizada uma leitura conjunta das duas traduções existentes no Brasil, a de Marcia Sá Cavalcante Schuback e a de Fausto Castilho, comparando ambas para buscar o sentido mais originário do texto de Heidegger. A partir disso, se considerou a tradução de Fausto Castilho a mais original, pois preserva o *Dasein* enquanto *Dasein*. Por outro lado, a tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback por *Presença* dá um toque pessoal ao *Dasein*, visto que para o texto ficar ordenado, precisa ser ajustado a tradução de *Presença*. Com isso, o *Dasein* é revestido de uma certa “feminilidade” ou até singularidade, que não corrobora com a ideia originária de *Dasein* pensada por Heidegger.

consequente, a angústia aponta por antecipação à iminência constante da morte, que para o *Dasein* se abre como possibilidade de uma existência autêntica. Para Heidegger (2012, p. 703), “o ser para o final foi determinado no esboço existenciário como ser para o poder-ser mais-próprio, não relativo e insuperável”.

Logo no início do parágrafo 52 de *Ser e Tempo*, Heidegger demonstra que o ser-para-morte tem sua concreção na cotidianidade. No entanto, adverte que a cotidianidade pode velar o morrer autêntico pelo impessoal. Desta maneira, o parágrafo 52 inaugura uma reflexão existencial do morrer e da morte. Para tanto, “ninguém duvida de que agente morre. Só que ‘não duvidar’ já não precisa conter em si o estar-certo que corresponde ao modo como a morte está dentro do *Dasein*, no sentido da assinalada possibilidade antes caracterizada” por Heidegger (2012, p. 705). Na morte habita uma possibilidade privilegiada do *Dasein*, cuja verdade carrega um mistério que não se entrega de maneira impulsiva ao ser-aí.

Através da experiência do morrer dos outros, dos desconhecidos, entendemos a inegável característica da morte, ou seja, um fato da experiência. Ela é uma certeza empírica irremissível, mas, que nada decide sobre a certeza da morte. O trato impessoal da morte no cotidiano a transforma em um episódio, acontecimento factual, um fato empírico que generaliza a morte, ocultando o ser-para-a-morte, sob a estratégia de esquivar-se dela, sem nenhuma interpretação verdadeiramente existencial. Esta é a cotidianidade decaída do *Dasein*. Conhece a morte, mas se esquiva dela.

Embora existam inúmeros artifícios para não pensar na morte, ela é uma certeza, uma possibilidade das mais próprias do *Dasein*, certa, indeterminada e a cada instante. Deste modo, parece que Heidegger aponta para uma retomada do conceito de morte, a partir de uma postural existencial do ser. A morte para o *Dasein* é o que ele tem de mais próprio, como fim insuperável e extremo.

No parágrafo 53 de *Ser e Tempo*, Heidegger considera que o *Dasein* se mantém, sob um comportamento inautêntico, decaído, na maioria das vezes, como um ser-para-a-morte-impróprio, ou seja, na decadência do *Dasein*, abandonado a si mesmo. Por outro lado, o *Dasein* é constituído por uma abertura, um ser para a possibilidade à frente de si mesmo, como ser-para-a-morte. A morte se apresenta como uma ocupação do possível para o *Dasein*.

Em suma, assumir a morte não como um limite externo condiciona a compreensão dela como possibilidade, sem forças atenuantes, não deixará de ser possibilidade e deve-se ter um comportamento sobre ela como iminente possibilidade. Pois, sobretudo, “no tender para um possível este pode vir-de-encontro desimpedido, e sem restrição, em seu ‘talvez sim, talvez não, ou talvez finalmente sim’” conforme Heidegger (2012, p. 719). Quanto mais pujante é o conhecimento da morte, maior é a compreensão da impossibilidade da existência. Para o *Dasein*, é uma possibilidade extrema, adiante de si mesmo, compreendendo o existir como um morrer constante, que revela o nada angustiadamente.

5. Considerações finais

A filosofia exige uma dedicação existencial em busca da excelência ética do viver pela sabedoria. Desta maneira, o homem, enquanto ente singular, passa a ser matéria indispensável do questionamento, de formulações e experimentações em âmbito filosófico. A existência concreta, da vida, da felicidade e da morte, se mostra ao homem como dimensões singulares/múltiplas da existência, aspecto tratado pela ontologia fundamental do homem, em sua situação real, como descreve Martin Heidegger em *Ser e Tempo*.

O problema do ser disposto em Heidegger, alude a uma nova compreensão, cuja consciência intencional do *cogito* de outrora, se dá agora, por meio da existência situada na experiência concreta da vida e morte. Assim, uma encarnação entre sujeitos e coisas, aprofunda os laços do homem com o seu existir e morrer.

O eu histórico, situado na experiência vivida, apresenta uma prática cotidiana que oportuniza ao homem o conhecimento e a compreensão da vida na interpretação histórica do mundo, de si mesmo e da relação com os outros, na imensa teia de sentidos até a morte insuperável. Não há espaço para que a vida e a morte sejam entendidas como simples facetas da existência. Há assim, por parte do homem, um espanto pelo autorreconhecimento de tudo que existe e seus significados. Dois são os limites da experiência existencial do ser-aí: o estar lançado entre as coisas no mundo e a morte como uma possibilidade extrema, uma possibilidade de construção de sentido e significado para o existir.

É na exposição da existência em busca de respostas que o ser-aí, o *Dasein*, passa a ser um *ser-que-descobre*. Deste modo, na descoberta de si mesmo e da existência com os outros no mundo interpessoal, desvela a verdade com um conteúdo existencial, através das evidências relacionais do eu, tu, ele, nós da vida concreta.

A identificação com a existência autêntica consiste num deixar ser, e não, em um impor como ser. Desta maneira, o *Dasein* é aquele que toma posse de si através do acolhimento e da autoidentificação com o ser mais próprio da sua existência enquanto projeto. O *Dasein* segue apropriando-se do seu Ser, portanto, tornando-se completamente histórico. Três são as formas criadoras do *Dasein* histórico, defendidas por Heidegger: a poesia, o pensamento e o Estado político. Assim, o *Dasein* é o seu tempo. O ser é o seu tempo. E Heidegger propõe, através da noção de *Dasein* finito, um recomeço constante da história do Ser, do homem e de sua existência.

Por fim, nesta experiência do pensamento filosófico, Martin Heidegger parece desenvolver uma ontologia fundamental do homem, quando aborda a noção de ser e de *Dasein*. A existência concreta do *Dasein* é o ponto de partida para Heidegger, e o de chegada, é a noção existencial da morte, tratada nos parágrafos 52 e 53 de *Ser e Tempo*. A morte é mais que um acontecimento impessoal do cotidiano. Ela é o fim do *Dasein*. Como possibilidade é indeterminada e insuperável, sobretudo como modo autêntico do Ser do *Dasein* desde o seu nascimento.

Referências Bibliográficas

GORNER, Paul. *Ser e Tempo: uma chave de leitura*. Trad. Marco Antonio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2017.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Ser e Tempo*. Trad. Fausto Castilho. Edição Bilingue. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.

HUISMAN, Denis. *Dicionário dos Filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

INWOOD, M.J. *Dicionário Heidegger*. Trad. Luiza Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

PRADEAU, Jean-François. *História da Filosofia*. Trad. James Bastos Arêas e Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011.

RUSS, Jacqueline. *Filosofia: os autores, as obras*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2015.